



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

SIMONE CARNEIRO DA SILVA

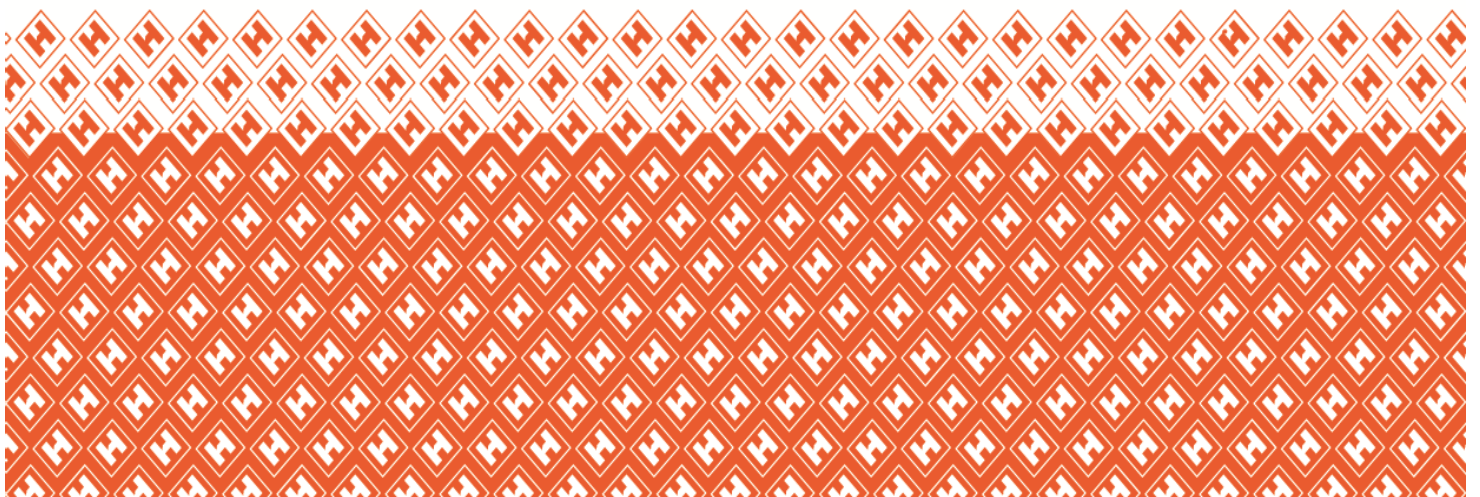
CADERNO TEMÁTICO

**HISTÓRIA LOCAL E MEMÓRIAS: REFLEXÕES E
PRÁTICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DE
SANTA RITA DO TRIVELATO.**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO –

UNEMAT

MAIO/2020



CADERNO TEMÁTICO

**HISTÓRIA LOCAL E EMÓRIAS: REFLEXÕES E PRÁTICAS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA DE SANTA RITA DO TRIVELATO**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

S586d	<p>SILVA, Simone Carneiro da. De Lagoa das Conchas à Santa Rita do Trivelato: Memórias, Narrativas e Ensino de História Local / Simone Carneiro da Silva – Cáceres, 2020. 24f.; 30 cm (ilustrações) II. Color. (sim)</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profhistória, Faculdade de Ciências Humanas, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020. Orientador: Osvaldo Mariotto Cerezer</p> <p>1. Profhistória. 2. Ensino de História. 3. Memória. I. Simone Carneiro da Silva. II. De Lagoa das Conchas à Santa Rita do Trivelato: Memórias, Narrativas e Ensino de História Local.</p> <p style="text-align: right;">CDU 371.3</p>
-------	---

SUMÁRIO

1. FICHA PARA IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO PEDAGÓGICO EDUCACIONAL - PRODUTO.....	4
2. INTRODUÇÃO	5
3. CONCEITOS A SEREM TRABALHADOS	6
4. OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS.....	6
5. TRABALHANDO A INTERDISCIPLINARIDADE.....	7
6. O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL.....	8
7. HISTÓRIA ORAL	9
8. MEMÓRIA E IDENTIDADE	11
9. HISTÓRIA LOCAL.....	13
10. ENTREVISTA 1.....	15
11. ENTREVISTA 2.....	16
12. ENTREVISTA 3.....	18
13. ENTREVISTA 4.....	19
14. ENTREVISTA 5.....	21
15. ENTREVISTA 6.....	22
16. AVALIAÇÃO	23
17. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	24

1. FICHA PARA IDENTIFICAÇÃO DO OBJETO PEDAGÓGICO EDUCACIONAL - PRODUTO1

Caderno temático sobre a história local de Santa Rita do Trivelato	
Autora: Simone Carneiro da Silva	
Disciplina/Área:	História
A quem se destina o material	Escolas da Rede Municipal de Ensino
Município da escola:	Santa Rita do Trivelato
Professor Orientador:	Osvaldo Mariotto Cerezer
Instituição de Ensino Superior:	Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
Resumo:	A proposta deste caderno temático é apresentar alguns conceitos e a partir deles sugerir atividades aos professores e alunos sobre o Ensino de História, História Local, História Oral e Memória. Compreendemos o estudo da história local como possibilidade para que os professores de história conduzam o processo educacional em sala criando oportunidades para uma aprendizagem significativa ² . Dessa forma, valorizando a participação dos alunos como construtores de um conhecimento histórico a partir de suas experiências com os diversos grupos sociais com os quais convivem. Trabalhando, portanto, o respeito ao “outro” e as diversas formas de organização social, bem como as identidades que são elaboradas pelos diferentes sujeitos que moram em Santa Rita do Trivelato.
Palavras-chave:	ProfHistória, ensino de história, história local, e memória.
Formato do Material Didático:	Caderno Temático
Público:	9º Ano

¹. O formato deste Objeto Pedagógico Educacional (produto) foi inspirado no Caderno Temático Memória e Ensino de História Local, de autoria da professora Carmen Chandocha, vinculada a Secretaria de Estado de Educação do Paraná. CHANDOCHA, Carmem. **Memória e o ensino de História Local**. Desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE. Cadernos PDE. Secretaria de Educação do Estado do Paraná, 2016.

². Segundo David Ausubel, a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre o conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não-litera e não-arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva. MOREIRA, Marco Antonio. O QUE É AFINAL APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA?. Instituto de Física – UFRGS. Disponível em: www.if.ufrgs.br

História Local de Santa Rita do Trivelato

2. INTRODUÇÃO

Este material pedagógico foi desenvolvido em cumprimento a uma proposta do Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, que além da dissertação, também exige a elaboração de um material didático pedagógico (produto) para subsidiar professores e alunos da disciplina de História, nas escolas da rede pública e privada de ensino. O caderno temático é direcionado aos professores do 9º ano Ensino Fundamental II, tem como objetivo o estudo da história local como possibilidades para os professores de história conduzir o processo educacional em sala de aula, criando oportunidades de uma aprendizagem significativa, em que valoriza a participação dos alunos como construtores de um conhecimento histórico a partir de suas experiências com os diversos grupos sociais com os quais convivem, trabalhando o respeito ao “outro” e as diversas formas de organização social, bem como as identidades que são elaboradas pelos diferentes grupos que moram em Santa Rita do Trivelato e se intitulam “pioneiros”. Destaca-se a importância do material proposto a ser implementado em sala de aula numa perspectiva interdisciplinar em que as atividades sejam planejadas e desenvolvidas em parceria entre as disciplinas de artes, geografia, e português, coordenadas pelo professor de História. Apresentaremos os conceitos em vinte e quatro aulas, divididas em quatro módulos, composto por textos, sugestões de atividades e vídeos com os seguintes itens:

O ensino de História Local – neste módulo apresentaremos o ensino de história como ferramenta de transformação social, tendo como finalidade a formação do aluno como cidadão crítico, reflexivo e participativo, compreendendo que a História é feita por todos os atores sociais, sendo escrita por meio dos vestígios deixados pelos diferentes grupos sociais.

História Oral – é uma metodologia que utiliza a técnica da entrevista como forma de ouvir e inserir os diferentes sujeitos na História.

Memória e Identidade – a memória e a identidade possuem uma estreita relação, é por meio desses conceitos que os alunos compreendem o passado, as gerações

anteriores, e a comunidade local em que estão inseridos, percebendo que existem diferentes memórias sobre um mesmo acontecimento, e como elas são importantes para o registro da história local.

História Local – no último módulo deste caderno, escolhemos estudar um período que compreende a colonização de Santa Rita do Trivelato, iniciada em 1977, no contexto da ocupação do norte de Mato Grosso na década de 1970, até 1999 ano em que Santa Rita do Trivelato deixou de ser distrito de Nova Mutum e se tornou município, com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Três de Novembro.

3. CONCEITOS A SEREM TRABALHADOS

História	<p>História; Fontes Históricas Tempo Histórico; Narrativas; Colonização; Migração; Sujeitos históricos;</p>	
-----------------	---	--

4. OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS

História	<p>Refletir sobre o Ensino de História, História Oral, Memória e Identidade e História Local; Compreender como acontecimentos históricos são escritos a partir dos conceitos de Memória e Identidade; Refletir como o deslocamento de populações no tempo e no espaço constroem significados históricos destacando as diferenças e semelhanças nesses processos históricos; Compreender como a visão de senso comum de</p>	
-----------------	--	--

	<p>mundo contribui para o desenvolvimento de uma observação atenta do seu entorno, percebendo as relações sociais, econômicas, políticas e culturais em suas múltiplas dimensões;</p>
--	---

5. TRABALHANDO A INTERDISCIPLINARIDADE

Geografia	<p>Perceber as relações entre as diferentes temporalidades, identificando semelhanças e diferenças nas formas como os diversos grupos sociais interagem e transformam a natureza por meio das relações de trabalho;</p> <p>Compreender e reconhecer as transformações que ocorrem no entorno social;</p> <p>Perceber-se como sujeito de pertencimento histórico que interage e intervém em diferentes grupos;</p>
Arte	<p>Fotografia;</p> <p>Desenhos e pinturas;</p>
Português	<p>Gênero textual: relatos de memórias;</p> <p>Elementos do gênero: tema, forma composicional e estilo;</p> <p>Tipo narrativo, relato pessoal.</p>

6. O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL

Compreendemos que a história deve ser entendida como um conhecimento dinâmico que se constrói e reconstrói numa perspectiva dialógica entre passado e presente por meio dos vestígios deixados por diferentes grupos sociais. Esses vestígios são tidos pelos historiadores como fontes históricas, e através delas é que os historiadores estudam o passado e produzem o conhecimento histórico. Neste sentido, abordamos a relevância do ensino de história local como uma opção metodológica que permite ao aluno se reconhecer como sujeito que não é mero expectador dos acontecimentos, mas, produtor do conhecimento reflexivo e crítico, utilizando-se da indagação, formulação de hipótese e problematização das várias histórias contadas pelos diferentes sujeitos. A história local associada ao cotidiano dos alunos possibilita articular a história individual à uma história coletiva a partir da vivência contextualizada entre o presente e o passado. Assim, compreendendo as mudanças realizadas pelos homens comuns e desmistificando as narrativas sob a ótica dos grandes feitos e dos heróis que por muito tempo ocuparam lugar privilegiado nas narrativas históricas ensinadas nas escolas. Narrativas que foram perpetuadas pela sociedade, reforçando os estereótipos e intolerância com aqueles que não eram dignos de serem ouvidos. Para além do uso metodológico da História Local podemos pensar a criação das identidades locais, pois esse debate possibilita a elaboração de outros enredos, de outras histórias, fazendo emergir novas e diferentes memórias que entram em choque com a memória oficial e colocam outros sujeitos e grupos também na condição de protagonistas da história. A partir do ensino da história local os alunos são estimulados a pesquisar sobre o município de Santa Rita do Trivelato, que teve seu processo de colonização iniciado em 1977 e foi emancipado em 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**. – 3. Ed. – São

Paulo: Cortez, 2009.

BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

Sugestão de atividades:

O professor deverá iniciar a aula com as indagações: o que é História? Como a História é escrita? Quem escreve a História? Qual a diferença entre a História contada e a História escrita? Como era a vida dos primeiros colonizadores da Santa Rita do Trivelato? Em seguida, discutir com os alunos sobre as origens das famílias, costumes, trabalho, meio de transporte, comunicação e moradia. Solicitar aos alunos que façam um pequeno texto para ser apresentado aos colegas.

Conceitos abordados: História, Ensino de História, Identidades, História Local.

Aulas previstas: 06

7. HISTÓRIA ORAL

É uma metodologia que utiliza a técnica da entrevista como forma de ouvir e inserir os diferentes sujeitos na História. Compreendemos que ela é um recurso que nos permite “produzir” fontes históricas quando não há outras ou quando as fontes existentes não respondem aos objetivos da pesquisa, e assim elaborar uma documentação diferenciada para a escrita da História. A história oral possibilita aos pesquisadores ouvir os sujeitos que estão à margem da produção da historiografia oficial, geralmente aqueles que são excluídos dos movimentos sociais, políticos, econômicos e culturais. A história oral tem contribuído para a produção de outras narrativas, configurando-se como uma possibilidade para que os grupos excluídos possam produzir narrativas diferentes das que foram produzidas oficialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

OLIVEIRA, Regina Soares. **História: a reflexão e a prática no ensino**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção a reflexão e prática no ensino; 6)

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral: velhas questões, novos desafios**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. Org. Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. P. 172.

MEIHY, José Carlos Sebe B, HOLANDA, Fábíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

Sugestão de atividades:

O que é História Oral? Quais são os instrumentos que os historiadores utilizam para registrar a História? Qual a sua importância para a História e o ensino de História? Por que as narrativas orais não podem ser tomadas como verdades históricas?

Em seguida convide-os para assistir o vídeo: História Oral

Sites: [http:// www.youtube.com/watch?v=r18CDDXFmTe](http://www.youtube.com/watch?v=r18CDDXFmTe)
[http:// www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM](http://www.youtube.com/watch?v=QvPyJ-OjsuM)

Convide os alunos à entrevistar pessoas da sua comunidade gravando alguns depoimentos sobre sua vida em Santa Rita do Trivelato e produzir um texto com base nas informações coletadas socializando em sala de aula.

Conceitos abordados: História Oral, Fontes Históricas, Narrativas.

Aulas previstas: 06

8. MEMÓRIA E IDENTIDADE

A Memória e a Identidade possuem uma estreita relação, e é por meio desses conceitos que os alunos compreendem o passado, as gerações anteriores e a comunidade local em que estão inseridos, percebendo que existem diferentes memórias sobre um mesmo acontecimento e sua importância para o registro da história local. Bosi (1994) pontuou que a Memória é uma reconstrução do passado, ela é seletiva, subjetiva e encarrega da lembrança e do esquecimento, Berutti e Marques (2009) argumentam que “chamamos de memória todos os registros (inclusive os mentais), que podemos acionar para recordar dados ou imagens do passado”. A Identidade é entendida como um conjunto de características que diferenciam os indivíduos ou grupos sociais, Silva (2006) ao escrever sobre identidade cultural ou social afirma que ela é como conjunto das características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são. Para Michael Pollak (1989), a Memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a política e a política de representação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 3-15.

Sugestão de atividades:

O que é Memória? Qual é o papel da Memória na vida de cada pessoa? Para que serve a Memória? Como podemos preservar a Memória? O que é Identidade? Existe alguma relação entre Memória e Identidade? Por que a Memória individual e coletiva deve ser preservada?

Após o levantamento inicial, o professor exibirá o curta- metragem *D. Cristina perdeu a memória*, de Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo.

[http:// www.youtube.com/watch?v=GB3adGKOQmw](http://www.youtube.com/watch?v=GB3adGKOQmw)

Vamos conversar sobre o vídeo apresentado?

Qual é o tema abordado? Por que D. Cristina guardou aqueles objetos? O que eles representam para ela? Agora, pensando na história do nosso município, seria possível escrever a história sem o uso da Memória?

Refletindo em sala de aula: A história de Santa Rita do Trivelato é contada por quem? Nesta atividade, os alunos deverão reconhecer-se como produtores de conhecimento histórico convidando algumas pessoas mais velhas da comunidade para irem à sala de aula e realizar uma entrevista. A partir disso, perceber como a história de Santa Rita do Trivelato foi construída, como chegaram ao município e o que os motivaram a deslocarem-se para Santa Rita do Trivelato, que acontecimentos interferiram nas suas decisões e como se relacionam com a atualidade.

Discutir com os alunos como as narrativas dos pioneiros nos possibilitam identificar quem são os sujeitos que fazem parte da história de Santa Rita do Trivelato e se perceber também como sujeitos históricos.

Pontos de observação e questionamento:

Por que dizemos que a Memória é seletiva? Por que o registro escrito é importante para uma comunidade? De que forma a tecnologia é

importante para o registro e preservação da Memória?

Solicitar aos alunos que registrem as suas informações por meio de desenhos e textos escritos para expor aos colegas da sala.

Conceitos abordados: Memória, Identidade, Pertencimento.

Aulas previstas: 04 aulas

9. HISTÓRIA LOCAL

O ensino de história por meio da história local nos levou a compreender a relevância que ela tem e as possibilidades de releituras e reescritas sobre determinadas sociedades e acontecimentos, principalmente aquelas em que somos testemunhas vivas. Por outro lado, também observamos os riscos que os historiadores correm ao trabalhar com essa temática para evitar a reprodução e afirmação de uma memória oficial dominante. Dessa maneira, o trabalho com a história local se destaca como construção de uma história plural, em que diferentes sujeitos participam da construção do conhecimento histórico. Ao falar da construção de uma história a partir da multiplicidade de vozes e da forma como estes sujeitos históricos são representados abordamos a Memória e como esta nos permite “reconstruir o passado com olhos no presente”. Neste sentido, o Local, o Cotidiano, a Memória e a Identidade são para o ensino de história local conceitos que se entrelaçam e nos permitem o registro e a produção de novos conhecimentos para serem transmitidos a outros, no caso alunos da rede municipal de ensino. Para Fonseca (2012) “o local é uma janela para o mundo”, e, é por meio dela que esses conceitos se conectam e se articulam, revelando para nós outros contextos, silêncios, e produção de outros conhecimentos, nos possibilitando reconhecer as mudanças e permanências nas relações humanas no tempo e no espaço. Assim, a História Local e a Memória dos diferentes grupos sociais são para nós fundamentais para o trabalho em sala de aula, na qual os alunos atribuem

sentido e significado aos conteúdos trabalhados. Dessa maneira escolhemos estudar um período que compreende a colonização de Santa Rita do Trivelato, iniciada em 1977, no contexto da migração e ocupação do norte de Mato Grosso na década de 1970 até 1999, ano em que Santa Rita do Trivelato deixou de ser distrito de Nova Mutum e se tornou município, com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Três de Novembro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

RIBEIRO. Miriam Bianca Amaral. **A História local e regional na sala de aula: mudanças e permanências.** XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH São Paulo. **Anais...** julho/2011.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FONSECA, Selva Guimarães. O estudo da historiografia local e construção de identidades. In: **Didática e Prática de Ensino de História.** 13ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

Sugestão de atividades:

Professor, vamos retomar as entrevistas realizadas no módulo três, organize a sala de modo que cada aluno possa participar do debate proposto, analisando de que forma os conceitos: Pioneiros, Migração e Colonização se relacionam com a História Local, História Oral, Memória e Identidade. Norteados pelos seguintes questionamentos: O que significa ser pioneiro? O que existia antes dos “pioneiros”? Quem são os pioneiros de Santa Rita do Trivelato? Quem não é pioneiro, é o quê? Que fatores ou acontecimentos influenciaram o deslocamento dessas pessoas para Santa Rita do Trivelato? Como era a vida deles na nova terra?

Observem o que existe de comum e divergente nessas narrativas.

Discuta com os alunos alguns fragmentos das entrevistas que a professora Simone Carneiro da Silva utilizou na sua dissertação: De Lagoa das Conchas à Santa Rita do Trivelato: memórias, narrativas e ensino de história local.

Conceitos abordados: Colonização, Pioneiros, História Local, Migração.

Aulas Previstas: 08 aulas

10. ENTREVISTA 1

Eu nasci no Rio Grande do Sul e fui morar em Corbélia (PR), lá moramos 14 anos, e, em 1979 viemos para o MT. No Paraná, nós trabalhávamos na agricultura, era propriedade familiar. Quando nós chegamos à Gleba Trivelato, já havia outras famílias morando aqui, era a família do senhor Henrique Oleinik, o Valmor de Oliveira e dona Marli, o senhor Simplício e dona Maria. Nós fomos os primeiros moradores. Aqui em Santa Rita do Trivelato tinha as pessoas que eram de outros estados, do Paraná, do Rio Grande, de Minas Gerais, e vieram na mesma época. As nossas terras foram compradas diretamente da Colonizadora Trivelatto, por isso, o nome daqui era Vila Trivelato. Nós resolvemos vir para o Mato Grosso porque no Paraná nossas terras eram poucas, e, nós queríamos aumentar a propriedade, foi quando ficamos sabendo que a Colonizadora Trivelatto estava trocando as terras do Paraná por terras no Mato Grosso. Eles faziam da seguinte maneira: trocavam áreas de 1 hectare lá por 10 hectares em aqui no Mato Grosso. Então, foi assim que nós viemos, porque queríamos aumentar a lavoura, lá era pequena. Naquele tempo não foi fácil, porque lá no Paraná a gente trabalhava de um jeito, então tentamos trabalhar aqui do mesmo jeito e não deu certo né? Porque as terras de lá (Paraná) o que plantasse não precisavam de adubo, não precisava nada. Plantava e só cuidava da lavoura, deixando-a no limpo produzia, e aqui não. Aqui a gente derrubava o cerrado fazia uma lavoura e plantava um pé de milho, nascia e morria, não colhia nenhum grão de milho. Lá a gente mecanizou a terra e plantava arroz, e produzia sem corrigir, a terra, não precisava por calcário. Aqui chovia muito e, por isso algumas vezes colocava um pouco de adubo e dava arroz, se fosse plantar soja

naquele tempo, perdia tudo porque chovia demais. O arroz dava né, porque não precisava corrigir a terra, se não fosse isso aí eu não sei, não tem nem como responder o que íamos fazer aqui. Teve gente que não aguentou aqui, em primeiro lugar por causa do mosquito e iam embora, outros viam que não ia produzir nada, desanimaram e foram embora. E os que ficaram aqui foi porque se fosse vender a terra para ir embora não achava comprador. Ninguém comprava, aí com o passar do tempo a gente foi aprendendo a trabalhar a terra, pois naquele tempo não tinha técnicos agrícolas e agrônomos, não tínhamos ninguém para nos ensinar trabalhar. Nós fomos aprendendo por conta, assim começou a produzir e nos animou, mas, muita gente desanimou com as terras, porque pegou mata achando que a terra era boa, derrubou a mata e a terra não produzia. Mas valeu a pena.

(L.B)

11. ENTREVISTA 2

Nasci em Guarani das Missões (RS), mas me criei em Santa Cruz, pertinho de Cascavel (PR), no dia 27 de novembro de 1977 descarreguei minha mudança aqui em Santa Rita do Trivelato. No Paraná, nós tínhamos um pequeno sítio, e também me dedicava ao comércio. É, nós tínhamos sítio lá, mas lá no Paraná são sítios pequenos. E comércio também... Eu tinha o sítio e o comércio, sempre fui comerciante. O nosso sítio era pequeno, mas não era agricultura familiar. Na região do Paraná naquele tempo era tudo sítio de 10 alqueires, depois que os poderosos abraçaram a coisa né, eles foram comprando... é igual aqui, aqui tá mesma coisa. Quando nós chegamos, aqui moravam umas 05 famílias, a minha foi à sexta, era o senhor finado Valmor de Oliveira, o seu Edmundo Hobbes (ele tinha até um botequinho), o Altivo Taborda, ele se acidentou acho que depois de 01 ano e pouco, foi o primeiro velório que nós fizemos na vila, e tinha o Bruno Eith e seu Nino Rosa, aí eu cheguei, faço parte das famílias pioneiras de Santa Rita do Trivelato, e hoje na verdade sou quase o único pioneiro, e tem a mulher do finado Valmor que ainda mora aqui, o finado Valmor era gerente que administrava o escritório da colonizadora aqui na vila. Todos os grandes que vieram depois não são pioneiros. Até os Ferron vieram depois e estão bem de situação. Os que estão bem hoje é porque vieram depois. Os que vieram

primeiro, esses dançaram, já os sabidos vieram depois. Porque, é assim os “pioneiros” como é o meu caso, sempre pagam o preço (batendo na mesa) ele entra lá no mato para abrir uma cidade, ou qualquer coisa, trabalham duro, passam necessidades, os primeiros que entram leva chumbo, e os outros que vem vindo já pegam a coisa pronta. No outro ano nós começamos plantar, aí o povo do Paraná descobriu, e os “maiores” começaram a vir, e a comprar terra aqui dos “quebradinhos” porque a maioria ficou tudo quebrada, e virou no que virou, aqui tinha característica de pequenos agricultores. Sim, mas o arroz é assim, ele produz se você plantou e mecanizaram 10 hectares de lavoura, e plantar 4 (quatro) anos arroz seguidos, aqui ele não dá mais, ele não produz. Olha eu não quero que me põem lá em cima no status, não. Mas, é assim, para ficar registrado, porque em toda cidade funciona assim a história não pode morrer com os pioneiros, eles morrem, mas fica o nome deles. É, isso aí, quer dizer eu não estou querendo ser lembrada, a gente não está correndo atrás disso, mas o próprio lugar requer isso, e sempre tem que ter um registro, porque houve alguém que fundou a cidade, alguém sofreu, alguém que deu o sangue, porque não foi fácil para nós construirmos a primeira igreja, aqui foi tudo difícil. Nico Baracat nos ajudou com o processo de emancipação, inclusive nós fizemos até um xuxo, a “turma” veio aí, e nós tínhamos a associação de moradores, e um pouco de dinheiro, e aí tinha muita gente, então a associação doou terrenos, fizemos um loteamento para cima da igreja católica, foram doados uns 50 lotes, porque senão não tinha casa para se emancipar. A associação doou lote e cimento, já a areia eles pegavam na estrada, então fizeram o alicerce, a “turma” veio de novo e perceberam que a cidade ia crescer já tinha uns tem 30 alicerces (gargalhadas). A gente conseguiu, e sabe que foi feito xuxo, e os políticos lá em cima também devem saber né, e nós conseguimos ser emancipados no dia 31 de dezembro do ano de 1999, foi no último dia do ano.

(H.O)

12. ENTREVISTA 3

Nasci em Marechal Cândido Rondon (PR), vim para o Mato Grosso com apenas 20 anos de idade, no dia 03 de outubro de 1979. No Paraná nós trabalhávamos na lavoura, no último ano antes da nossa vinda para o Mato Grosso eu fui servir o exército em Brasília e de lá eu voltei para o Paraná, fiquei 02 meses em casa e depois eu vim para o Mato Grosso trabalhar na lavoura. A Colonizadora Trivelatto era lá de Cascavel no Paraná e comprou uma área de terra dos Spinelli no Mato Grosso e depois fez o loteamento revendendo para o pessoal que ainda está hoje aqui. O meu finado pai e mãe tinha uma área de terra no Paraná, mas, nossa terra lá não era muito grande, então, eles negociaram as terras de lá e compraram aqui. Uma parte onde eles venderam no Paraná, hoje faz parte loteamento da cidade, e o restante da terra eles venderam depois para virem para Mato Grosso. No Paraná, a nossa área era 25 alqueires, e aqui a primeira área que o meu pai comprou foi 554 alqueires, com o passar dos anos conseguiu comprar mais 220 alqueires, ao todo éramos proprietários de 774 alqueires. O que nos trouxe a Mato Grosso foi o desejo de aumentar a lavoura. A colonizadora tinha um projeto de urbanização, vamos dizer essa quadra de baixo, essa aqui (da minha casa) e essa da igreja, já existia porque o objetivo era fazer a cidade. Quem comprava uma área de terra, tinha direito a lote urbano na cidade, por exemplo, o finado pai mesmo, como ele comprou uma área um pouco maior ele ganhou 03 lotes, que ainda são meus. Cada um que comprava terra ganhava um lote com o intuito de formar cidade. No começo não tinha projeto de construção de escola, não que eu saiba, ou seja, não tinha nada definido, era tudo muito difícil, tudo o que precisávamos tinha que ir a Nobres, essa era a única saída nossa. O traçado original da BR 163 ligando o norte do estado ao Distrito Federal passava por aqui, lá por Nova Mutum não tinha nem estrada. A antiga estrada BR 163 era por aqui, entrava lá no posto Gil, cortava por aqui e ia para o lado da Rio Fértil, ali mexia com seringal, depois foi que iniciou Nova Mutum, Lucas do Rio Verde, Sorriso, e foi onde que teve politicagem dos mais forte, então mudaram o traçado da BR 163 para Nova Mutum. A Colonizadora no começo prometeu uma coisa e depois que ela vendeu a área ela desapareceu (com certa frustração pelo tom de voz), ela existe e tem um pequeno escritório em Cascavel, mas, não deu o suporte que era necessário. Nós viemos tentar uma vida melhor, porque a nossa área no Paraná era pequena, então ou você saía fora para trabalhar de empregado, porque nem todos ia conseguir sobreviver em cima daquela área, ou se arriscava comprar terras no Mato Grosso, foi assim que o

meu pai comprou aqui e nós viemos embora. Meus irmãos vieram todos, mais um não aguentou o repuxo e voltou para o Paraná. Eu vim solteiro e casei aqui, o nosso casamento foi o primeiro a ser realizada em Santa Rita do Trivelato, e minhas filhas nasceram aqui. Uma coisa que ajudou muitas as pessoas aqui, foi à união, que era fora de sério, porque o padrão de vida era praticamente um só, e hoje já mudou, vieram os grandes e foram comprando dos pequenos, os grandes foram engolindo os outros, e, por causa disso é que o nosso lugar não cresce. Pode observar os grandes todo ano estão mordendo um fora, e, isso para o lugar é ruim, porque eles não investem nada aqui, eles só querem saber de ter mais, e quem vende a maioria vai embora, então aqui nunca vai ser um lugar muito grande, sempre vai ser essa base, uma ou outra casinha a mais. As nossas terras nós tivemos que vender, os grandes são iguais “cupins” vem roendo, roendo os outros e quando vê vão engolindo e compram tudo.

(A.G.S)

13. ENTREVISTA 4

Nasci em Conselheiro Pena (MG), morava no Paraná, na cidade de Nova Aurora, perto de Cascavel, e de lá viemos para o Mato Grosso em 1978, chegamos aqui no dia 06 de outubro de 1978, estou com 41 anos em Mato Grosso. No Paraná, nós trabalhávamos na agricultura, meu pai tinha 6 alqueires e meio de terra escriturado e 1 alqueire e meio sem escriturar. Para fazer o negócio e vir para o Mato Grosso trocamos nossas terras do Paraná por essas aqui. E, bem nessa época foi construída a usina hidrelétrica de Itaipu, e a Colonizadora Trivelatto tinha essas terras aqui, as águas inundaram a terra das pessoas lá em Nova Aurora, e Colonizadora Trivelatto comprou as terras inundadas e vendeu para a Itaipu entendeu, e por isso, nós viemos para Mato Grosso. O meu pai veio para aumentar a propriedade, e deixar mais terras para os filhos, a intenção do meu pai era essa. Meu pai era incrível, muito trabalhador, trabalhou demais. Nós somos em 9 irmãos. Eu e mais 04 irmãos nascemos em Minas Gerais, 04 nasceram no Paraná e minha irmã caçula foi a primeira criança que nasceu em Santa Rita do Trivelato. E infelizmente o meu pai foi o primeiro que morreu e foi enterrado aqui. Quando nós chegamos aqui, tinha 04 moradores e nós somos o 5º morador, já tinha o Valmor de Oliveira que também era o gerente da colonizadora. Mas, nós chegamos em outubro de 1978, e em setembro de 1979, meu pai faleceu, foi aquela luta para receber o documento. A colonizadora

prometeu para o meu pai que se pagasse 50% do valor já iria receber a escritura. Eu tinha 19 anos na época, não tinha experiência, porque na verdade, nós já tínhamos pagado bem mais de 50% que era 400 e poucos cruzeiros, sendo que a terra custou 600 e poucos cruzeiros, mas eles não tinham dado a escritura ainda. Naquela época o Banco do Brasil fazia financiamento e empréstimo para os agricultores comprarem máquinas e sementes, tinha o Banco do Brasil em Nobres e nós pertencíamos ao município de Nobres, só que Banco do Brasil concedia financiamento para quem já possuísse a escritura, e, nós não tínhamos. A Colonizadora tinha as obrigações e não cumpriu, porque se ela tivesse cumprido eu e minha família não teria sofrido, porque para ganhar a escritura eu precisei brigar, o advogado da firma veio fazer uma reuniãozinha e eu estava lá atrás, muito agoniado com a perda do meu pai, era uma luta terrível, precisei falar com a advogado e mais uns cara da Colonizadora Trivelatto. Os primeiros anos aqui só se plantavam arroz e mais nada, teve muita gente que faliu com o arroz e perdeu suas terras, os meus amigos foram embora, muita gente foi embora, é por isso que eu falo para você que depois de 10 anos o pessoal endividou e viu que isso aqui não ia pra frente, que não ia dar nada. Depois de um tempo o Segundo Martinelli começou a plantar soja, começou a corrigir a terra, que tinha que corrigir para melhorar, corrigiu as terras e começou a plantar. A Colonizadora Trivelatto tinha um projeto de cidade que seria aqui mesmo, porque para cada pessoa que comprava uma área, ganhava um lote urbano, como nós compramos 242 alqueires, nós ganhamos um lote urbano como pioneiro, as primeiras pessoas, não sei quantas pessoas eram, mas, não foram muitos não, sei que nós fomos o 5º pioneiro ganhamos o lote. É, foi uma luta terrível, mas, se fosse hoje faria tudo de novo, mesmo com os problemas de saúde que tenho, eu começaria tudo de novo, porque valeu a pena, eu tenho coragem e se vir a dificuldade para mim, eu já passei a por ela, agora quem nunca passou a dificuldade e nasce em berço de rico se vir a dificuldade ele não vence. A senhora sabe né, Moisés levou quarenta anos para atravessar o deserto, e levar os hebreus de volta para Israel, e depois do sofrimento, eles conseguiram uma vitória. Assim somos nós, hoje nós estamos colhendo os frutos, mas antes nós sofremos muito, e agora estamos bem.

(S.T.B)

14. ENTREVISTA 5

Sou natural de Toledo (PR), nós viemos de Cascavel (PR), no mês de janeiro de 1977. Viemos como funcionários da colonizadora em 1977, aqui só tinha um alojamento deles, que construíram uma kit net com 04 quartos e 02 banheiros e 01 casinha que era a cantina, tinha um casal que fazia comida para eles, cozinhava quando eles chegavam aqui de avião com o pessoal, para mostrar as terras para vender. Tinham outros moradores, o senhor Edmundo Hobbes que fazia 01 mês que estava morando aqui, que ele comprou terras e ficou uns anos aqui, eu não sei quantos anos ele ficou, mas foi poucos anos, e ele vendeu para o Ilson Matschinske, e tinha o Vicente Hucker, mas esse não comprou terra da colonizadora, ele comprou uma chacinha, construiu uma casa, mas eram os 02 moradores que tinha quando eu vim morar aqui. Não tinha nem índios e nem cuiabanos morando aqui. Lá no sul nós tínhamos 40 alqueires de terra, negociamos nossas terras lá a base de troca e o restante nós pagamos em dinheiro, deu aquela terra que a gente tinha lá e mais certa quantia em dinheiro, para a imobiliária, e adquirimos aqui uma área de 498 hectares. Lá nós desenvolvíamos a pecuária, criava gado. A colonizadora sempre falou que essa BR 163 passaria por aqui, diziam que essa vila ia crescer muito por causa do asfalto, tinha um projeto para criar a cidade, eles fizeram um mapa com localização das quadras e ruas, porém, não tinha nada aberto, só tinha no mapa, não havia projeção de cidade grande, no mapa havia uma extensão de 1000 metros de largura e 1000 metros de comprimento e quem comprava um lote rural ganhava um lote urbano para construir a cidade. A colonizadora terminou de vender as terras e abandonou quem eles trouxeram aqui e foram embora. Tem um lugar que eles fizeram outra colonização, mas, não me lembro, sei que eles fundaram outra cidade. Além de parteira, eu trabalhei também no cartório, ele era meu depois. Aqui não havia nenhum conflito, só do lado de lá do rio, tinha pistoleiro demais para lá, povo que invadiam terra e caíam na bala, mas a terra vendida pela colonizadora era tudo legalizada.

(M.B.O)

15. ENTREVISTA 6

Sou natural de Santa Catarina, e vim de Cascavel (PR) em 1977. Mesmo eu só tendo 17 anos, eu trabalhava como professora no frigorífico em Cascavel. Quando chegamos aqui, já moravam duas famílias, a família do senhor Edmundo Hobbes e a família do senhor Vicente Hucker. O meu pai foi convidado lá em Cascavel para ser administrador da empresa imobiliária Trivelatto, que é de Cascavel (PR), meu pai era conhecido deles e acredito que numa conversa entre eles surgiu o convite. Pensou-se então dele vir como administrador aqui dessas terras, no início era ele que cuidava, recebia as famílias quando vinham de avião, ele que levava essas famílias para verem os lotes que estavam disponíveis para serem vendidos. Então, começaram a vir as outras famílias e pensou-se então na primeira escola, na primeira igreja, primeira professora. E, como eu já tinha essa experiência de 01 ano lá, meu pai conversou com o representante da empresa e na hora eles me contrataram, foi assim que vim, por isso, acabei vindo e largando os meus estudos. E assim fizemos uma parceria com a prefeitura de Nobres, eu tenho os contratos guardados até hoje, a prefeitura me pagava um salário e a colonizadora complementava, porque não tinha merendeira, não tinha servente, não tinha nada, então era eu que fazia tudo. E foi assim que eu comecei aqui. Aqui tinha um hotelzinho, uma escola e um posto de rádio amador que era o único meio de comunicação, e tudo isso era cuidado por nossa família. O nome da Escola era Regina Faber Trivelato em homenagem a mãe do dono da colonizadora Trivelato. Sonhos a gente sonha, e acho que não vai deixar de sonhar nunca, mas tinham muitos assim que se revoltavam porque a dificuldade vinha, e, não tinha muito apoio da imobiliária, a gente ouvia de tudo, ouvia pessoas falarem que estavam felizes, que tinham realizado um sonho, que lá tinha pouca terra e aqui conseguiram bastante, isso mais dos pais, mas outras não, as outras sentiam uma revolta muito grande. Inclusive, muitos foram embora, alguns voltaram para o Paraná, aqui ainda tem uma família, eu me lembro muito, que a esposa muito revoltada, queria muito voltar para o Paraná, mas voltar como? [...] Essa escolinha era o point onde os jovens se encontravam, tinha muito pouco jovens, então era ali que de vez em quando nós conseguíamos uma vitrola, e fazia uns bailes. A escola era usada para tudo, era escola, era clube, era igreja, era para tudo, era o ponto onde a gente se divertia, com os amigos, e, depois começaram aparecer os namorados entre as famílias. Uma coisa que eu esqueci de falar é que durante o tempo que eu trabalhei de professora, as minhas irmãs me auxiliavam até chegar a segunda professora, elas

me auxiliavam, e sem ganhar nada. Porque não tinha como eu trabalhar misto, tudo misturado, alfabetização, com outros. Então, elas separavam os que tinha que alfabetizar, uma delas alfabetizou um menino que já estava no terceiro ano sem saber ler e hoje é lembrada sempre pela família e por ele mesmo, que hoje já é um paizão e empresário lá em Matupá. Ele fala: eu aprendi a ler graças a Roseli, mas, elas não ganhavam nada, elas só me ajudavam, e a de Cuiabá também me ajudou muito, essa menina aqui e a de Cuiabá também tem grande relevância na história da escolinha Regina Faber Trivelato. As pessoas se ajudavam diante da dificuldade, quando conseguia para si, eu lembro dos peixes que a gente trazia do rio Teles Pires, trazia de balde e meu pai distribuía. Quando os outros traziam distribuía para nós. Caçavam e pescavam muito e aí quando alguém ia para Nobres trazia mantimentos, mas como trazer carne se era longe, isso no início, e a gente se criava. Quando a gente era pequena e morava no sítio no Paraná, tínhamos uma vida melhor, estudava e parece que as coisas não eram tão difíceis como aqui no Mato Grosso. O meu pai sempre pensava no melhor, melhorar de vida, eu acredito que esse era o pensamento dos mais velhos, porque hoje eu não sei se as famílias pensam assim.

(R.O)

16. AVALIAÇÃO

A Avaliação proposta neste caderno temático acontecerá de forma contínua, formativa e diagnóstica, considerando que toda a ação pedagógica requer de nós professores e professoras uma avaliação para diagnosticarmos os avanços e as dificuldades encontradas no cotidiano escolar. Dessa maneira, os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos refletindo como o processo de ensino-aprendizagem se efetiva por meio de nossa prática. Os conteúdos apresentados neste material didático não são postos como pronto e acabado, mas, como um ponto de partida para que professores e alunos busquem outros caminhos, outras leituras, e assim possam atribuir um sentido ao ensino de história realizado na sala de aula. Sendo assim, espera-se que ao final do estudo do caderno temático sobre a história local de Santa Rita do Trivelato os alunos possam: conceituar e distinguir História, Memória e Identidade; conhecer a origem das famílias que fundaram Santa Rita do Trivelato compreendendo a

importância da reescrita da história local do município em que vivem; compreender como os acontecimentos externos influenciam e contribuem na organização do tempo e dos diferentes espaços; reconhecer-se como sujeito histórico no ensino de História e como construtor de outras histórias. Como instrumentos de avaliação propomos a participação oral, produção de textos, desenhos e narrativa histórica, produção do painel de fotografias e desenhos.

17. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D.M.. Fazer defeitos nas memórias: para que serverm a escrita e o ensino da história?. In: Márcia de Almeida Gonçalves; Helenice Rocha; Lu s Reznik; Ana Maria Monteiro (Org). **Qual o valor da História hoje?**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2012, v, p. 21-39.

BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 3ª versão. Brasília – DF, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3. Ed. – Brasília: A Secretaria, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em: 30 Mai. 2019.

CHANDOCHA, Carmem. **Memória e o ensino de História Local**. Desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE. Cadernos PDE. Secretaria de Educação do Estado do Paraná, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes, DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, nº 4, p. 19-34 – 2013.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. **História e ensino de história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Área de Ciências Humanas: Educação Básica**./Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Cuiabá: Gráfica Print, 2012.

MATO GROSSO. Secretaria de Educação do Estado de Mato (SEDUC/MT). **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (DRC)**. Ensino Fundamental Anos Finais. Mato Grosso, 2018.

MOREIRA, Marco Antonio. **O QUE É AFINAL APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA?**. Instituto de Física – UFRGS. Disponível em: www.if.ufrgs.br